

O estudo interroga a educação da infância a partir de uma abordagem filosófica enquanto estratégia metodológica para ultrapassar a abordagem hegemônica dada pela psicologia do desenvolvimento, aquela que torna a pedagogia refém de categorias de desenvolvimento em seus planejamentos e avaliações com crianças pequenas. Diante da compreensão de infância como forma social histórica de conceber, produzir e analisar as experiências das crianças e estas como corpo presente e atual, aqui e agora, em interação com outros, a pesquisa busca destacar os valores que estabelecemos, enquanto educadores, aos problemas educativos postos pela entrada das crianças pequenas no sistema escolar. Para problematizar a precoce escolarização da criança pequena, a reflexão persegue as implicações de conceber a criança como aluno no contexto da educação infantil através do estudo de caso de uma EMEI de Santa Cruz do Sul. Para tanto, busca em Ricoeur (1994); Larrosa (2002); Sacristán (2005) e Barbosa (2006), subsídios teóricos para acompanhar a rotina das crianças e daí extrair uma reflexão sobre a implicação de conceber a infância a partir de seu desempenho cognitivo, esquecendo o corpo e sua multidimensionalidade nos processos de aprendizagem. O contraste entre as concepções de criança e aluno através da interlocução com as famílias, a observação e o registro do cotidiano da EMEI, permitem destacar que as ações educativas com crianças pequenas são naturalmente escolarizadas tanto pelos profissionais quanto pela expectativa das famílias a partir da concepção de ambos de que a escola é o lugar da infância. Tal naturalização torna tanto a escola o único espaço capaz de educar as crianças, enquanto tendência social e cultural de considerá-la pré-requisito para a vida, quanto a criança o aluno capaz de desempenhar cognitivamente tarefas individuais espelhadas nos modelos escolares.